

ÍNDICE

Prefácio	5
Lisboa – Nevoeiro de antigas caravelas	7
Oh, Lisboa, dá-me beijos	9
Cine Avenida do Uruguai	11
Por S. Jorge e pelos <i>Brutus</i>	12
Contra os absolutistas e contra os bêbados marchar, marchar!	16
Gaivotas de Lisboa	18
Aeroporto internacional da Portela – Vinho ou ponche?	23
Aqui à beira do rio	26
A avenida João Crisóstomo – Voltou a ser menina?	27
Mãe África	30
Camões – Os Luisíadas	32
Não devia haver verão – Na praia de Carcavelos	34
A ponte – Cavalos de ferro das margens	36
Teatro Dona Maria II – A boa mãe	37
Fábrica de chulos	40
Mutamba, conversa e cola	43
Do despertar ao adormecer – Vai mas é pró trabalho	45
Cristo Rei-Rei Cristo	48
Metro a metro	49
Adassa Ahnidras	52
Engraxadores – Ponha aqui o seu pezinho	54
O humor da avenida Elias Garcia	56
Docas – Perversamente boas	57
O intendente que voltou ao Intendente e não gostou do que viu	59
Uma das mais belas janelas de Lisboa	63
Feira de ladra – Feira da virgem	65
Pensão do amor	68
Cacilheiro	69

Passos marcados num terreiro	75
As festas de Lisboa – Multiplicai-vos	77
Ginjinha – Lisboa é uma boa amante?	90
Jardim da Estrela – Saiu melhor que a encomenda	92
A estátua – O Marquês e o seu pombal	94
Rua Augusta – <i>Augusta Est</i>	95
Teatro Nacional de S. Carlos ou o teatro italiano	97
Estádio da Luz –Vai lá vai	100
O pastel ou bolinho de bacalhau	103
Centro Cultural de Belém	105
Muralha Chinesa	111
Jardim do Príncipe Real – Um pedaço de Wagner	113
Largo do Carmo – E a nossa Trindade	115
Cais do Sodré – Que bom que é	117
Os Jerónimos – Da família dos Jerónimos	118
Traçadinho – O murmúrio	125
Roça Rossio	127
Avenida da Liberdade – Decadência <i>avec Arrogance</i>	131
Mas que Calvário!	133
Entalados como a sardinha	135
Jardim das pichas murchas	138
Alvaláxia	139
Santos! E os padroeiros?!	140
Tarados com tara	150
Tara da <i>box</i> de arrecuar	152
Fonte das ratas tem aguaboa	154
Uma rábula pasteleira	156
Ó meninas, vinde comprar as broas do Manel, que curam a tosse... e sabem a mel	158
Lisboa é a cidade mais cantada	160
Por fim... ..	163

LISBOA

NEVOEIRO DE ANTIGAS CARAVELAS

Lisboa, quando está na maré de se divertir, como o fez quando Portugal, fremente, orlado de velas latinas, África, especiarias, joias, dinheiro, tudo luxos pagos a altos preços, é uma cidade onde o amor, nas suas mais diversificadas especialidades, pode ser asa, pode ser azul, pode ser anjos lilases, mas também pode ser fardo, cadeia e caos.

Lisboa tem taras. E traz às costas mochilas cheias de passado.

E não são tão poucas como se poderia pensar. As taras, as mochilas e o peso brutal do que já lá vai.

Mas talvez sejam desejáveis.

Qualquer capital de qualquer país deve ter dentro de si uma biblioteca abastecida de obras, essências da sua inteligência e mesmo da sua estupidez. Lisboa tem muito de tudo isso. Tanto que, de vez em quando, acredita que é de outro país.

Mas, no seu inventário de coisas ausentes, não consta o sol, nem rosas de alguma anarquia arquitetónica, nem versos distribuídos por inúmeros bares e tascas que se batem, que andam à chapada uns nos outros, nem cheiro a povo – que tresanda – nem generosidade até aos ossos a quem a visita, nem aldeia, nem futebol, nem fantasias, nem contos de Natal, ou santos, nem histórias por detrás das histórias, e tudo isto porque Lisboa é o ventre de Portugal. E tem a Guiné na Brandoa, S. Tomé em Sacavém, Angola na Lapa, Moçambique na

Amadora, Timor nos braços do Cristo-Rei, o Brasil nos bares, Goa, Damão e Diu nas colinas da saudade.

E tem um corpo bonito. E tem águas à sua volta que levam as lágrimas, porque Lisboa já cantou as palavras das pedras do chão. Foram gritos que não soube conter. Está tudo isto na história das suas ruas, dos seus monumentos, nos seus sonhos mais atrevidos, no seu *kama sutra*, e nos seus sonhos mais entregues às impaciências amargas dos dias que jorram meio cheios de tudo.

Às vezes tem-se a impressão de que as pessoas de Lisboa não nascem como os outros mortais. Brotam do solo como plantas e são muito minerais. Dito isto, resta acrescentar que a imaginação possa ser o nosso último refúgio, e que por isso não há nada mais tenaz do que descobrir taras de uma cidade *correcte, charmante et parfois ridicule* como Lisboa, mais os seus mendigos, bilhetes de lotaria, raspadinhas, quiosques com revistas cor-de-rosa e moscas. Está-se em casa, mais perto da terra e das verdadeiras raízes portuguesas da vida.

Por isso aqui ficam as duas ou mais versões de partes desta cidade, com os braços cingidos umas nas outras, vagarosa e visivelmente queridas.

Eduardo Águaboa

OH, LISBOA, DÁ-ME BEIJOS

Beijos infieis, podem ser:

Sim, dá-me beijos, encharca-me deles até aos ossos.

Podem ser malucos e deitados nos meus cansaços.

Dos teus lábios peregrinos, Lisboa, há ofertas de graças que só nos acontecem em criança.

Lisboa tem pestanas negras e compridas como vassourinhas.

E um rio com olhos.

Rapazes e raparigas sem amanhã obrigatório.

Lisboa não tem dúvidas que se põem em dúvida.

Que Romeu não teve a sua Julieta e Pedro a sua Inês em Lisboa?

Oh, Lisboa como danças!!!

Lisboa, para o bem e para o mal, tal como Portugal, ainda estás presa ao mar:

E esta noite vieste-me parar aos sonhos.

Eras a minha nuvem particular:

E em ti os escritores e as mulheres não combinavam lá muito bem.

E tinhas flores que cheiravam a fores.

Ofereceste-me hospitalidade, uma garrafa de ginjinha e um quadro.

Tão vadio como os barcos que te sulcam o Tejo.

E dizias-me: Só quero ser tua amiga!

E quem te disse, Lisboa, que o amor vem de inimiga?

Oh, Lisboa, és tão literatura.

Nem redenção, nem degradação, só livros, feiras e filhos de pais atrevidos.

Também não tens apetite pelas inquietações, pois não Lisboa?

Anda, ilude-me! Deposita nas minhas costas o teu olhar um bocadinho alfacinha e sacaninha.

E nunca me libertarei dessa tara.

Oh Lisboa, sua desalmada e insensata, como gostas de ser preguiçosa e feliz.

E semear rosmaninhos pela tua cidade.

E canções com vestígios da tua História a flutuarem nas águas que te banham.

Vem, Lisboa, acaricia-me ternamente a mão, esforça-te, fica com as minhas roupas e eu com os teus braços.

Como?

Não me queres dar beijos? A mim que sou louco por ti?

Sabes?... Sonho que sonho.

E não te quero tirar dele.

O problema é se um dia o torno real.

Eduardo Águaboa

CINE AVENIDA DO URUGUAI

Na avenida do Uruguai, que não é individualista, vendem-se jornais, livros num alfarrabista, árvores, pacotinhos de amendoins e há lojas de presentes para trocar.

Na avenida do Uruguai há momentos que se encontram para lanchar, há tempo para recapitular, há amor e renúncia, há uma mulher que ama outra mulher.

Na avenida do Uruguai circulam autocarros no meio de Lobo Antunes e outros operários das palavras, há cafés onde se toma champanhe com leite quente, e há pássaros que parecem poetas.

A avenida do Uruguai merece calma, a paz.

Na avenida do Uruguai são bons os encontros quando o sol agoniza e chega-se a perder o apetite quando chove e as meninas não se podem passear.

Na avenida do Uruguai as passeadeiras são muros de otimismo. Pisam-nas, sobem-nas e descem-nas pessoas que giram e faíscam em torno de apertos de mão, beijos delicados e amabilidades: *Saúde vizinho! – Deus a proteja!*

Na avenida do Uruguai ninguém encontra o dia anterior.

Na avenida do Uruguai a vida substitui os contadores de histórias.

Na avenida do Uruguai esta madrugada um rapaz, frágil de condições, indiferente ao futuro, pôs a mãos na cabeça e voou como uma mala do 10.º andar.

A avenida do Uruguai é um teatro.

Eduardo Águaboa

POR S. JORGE E PELOS *BRUTUS*

Abro a janela da minha Lisboa para ver relinchar estupidamente o teu cavalo de ferro e pedra, as tuas armas que trespasam os cavaleiros de amores perdidos, lanças que matam dragões e santos milagreiros, para ver iludir donzelas e virgens saudosas, ver a amargura de gente vestida de preto e mãos rugosas do tempo elevando-te ao poder da virilidade, realeza e domínio.

Esta minha janela que sabe a pão preto, a azeite, a sardinhas, a especiarias, a cravos e a rio engole-se por entre as muralhas e ameias do teu castelo, entre essas paredes interiores dançamos, deixamo-nos levar pelas farras e banquetes medievais. Pelas gargalhadas e duelos de cavalheiros estrangeirados e figuras caricaturais mergulhamos nas bicas refrescantes dos teus instintos mais ferozes e altivos.

Meu castelo com Jorge, meu mancebo entronado entre as minhas sete concubinas, fizemos haréns e lutámos por mesquitas, por catedrais, por guitarras e fados, por ditaduras e proletariados. Subimos íngremes calçadas e construímos portas de entrada a forasteiros e reis, hasteámos bandeiras francesas e ludibriámos-las com as inglesas.

Remodelei-te, atirei-te ao ar, reconstruí-te, pisei-te, pontapeei-te e aboli-te a identidade nas encruzilhadas das arquiteturas do tempo. Coloquei-te num filme de terror infestado de ratos e piolhos, estribarias, espeluncas, fábricas e carvão. Pus-te sob o olhar de Sade e chicoteei-te ao som de pavões

e gritarias de mulheres detentoras de corpos boçais. Depois, ordenei-lhes que te lavassem as roupas e as colocassem ao sol por entre os varandins dos teus cordéis, em seguida limpavam-te as feridas, perfumaram-te, colocaram-te flores nos cabelos, pintaram-te os lábios e as unhas, adornaram-te os dedos com anéis e vestiram-te trajes de veludo, levaram-te ao colo, alimentaram-te e rejuvenesceste lá bem no alto da janela da minha Lisboa.

Abro novamente a janela da minha Lisboa e como se fosse o II ato de uma peça de teatro. Recomeço e entro no teu palco. Apaziguamos as memórias, decidimos pela via do diálogo com cordialidade e familiaridade tomar um chá. E para isso, montámos uma mesa, usámos duas chávenas de porcelana, um bule em prata e flores de jasmim, biscoitos de manteiga e compota de morango. Sentados e depois de respirares vezes sem fim, decidiste-te em soluços e melodramas pela introspeção concluindo que seria boa ideia exorcizares a tua história, os teus infortúnios, os teus crimes, as tuas memórias a tua portugalidade que se une a mim. A Lisboa!

– Aqui neste espaço fizemos saraus e torneios e lutas, sabias? Vês ali aquela marca? Naquela porta ficou entalado o corpo de um valente cavaleiro, Martim Moniz, querendo retirar daqui todos os mouros e com cerco montado ao longo de três meses, com a sua valentia e audácia, ficou encravado numa das minhas portas permitindo dessa forma a entrada dos cristãos. O Martim Moniz confessou-me à hora de sua morte que o seu santo de estima era São Jorge, aliás, como de todos os cavaleiros da grande cruzada, e que ali gostaria que preservassem a seu nome. Então assim ficou tatuado no meu corpo, em forma de placa pelas mãos de D.Afonso Henriques. Mas tam-